



“A ARTE DE CONSTRUIR SISTEMAS”: ESTÉTICA E PLURALISMO FILOSÓFICO EM FERNANDO PESSOA

The art of constructing systems»: aesthetics and philosophical pluralism in
Fernando Pessoa

Nuno Ribeiro

Pós-doutorando do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, com uma bolsa financiada pela FCT (SFRH/BPD/121514/2016).

nuno.f.ribeiro@sapo.pt

Resumo: O presente artigo visa clarificar as relações entre estética e a constituição de uma filosofia da pluralidade na obra de Fernando Pessoa. Com efeito, ao longo dos escritos do poeta e pensador português encontramos não só a atribuição de uma multiplicidade de projectos filosóficos a diferentes “eus” pessoanos – desde os pré-heterónimos às personalidades do período heteronímico –, mas também a explícita tematização do pluralismo filosófico nos textos atribuídos a esses diferentes “eus” que habitam o universo literário plural da escrita pessoana. Assim, tendo por base a análise das múltiplas fases da tematização da filosofia ao longo da obra de Pessoa, procuramos mostrar o posicionamento central das questões relativas à estética e ao pluralismo filosófico no âmbito do desenvolvimento dos escritos pessoanos sobre filosofia.

Palavras-chave: Fernando Pessoa. Estética. Filosofia. Pluralidade. Criação Heteronímica.

Abstract: This article aims to clarify the relations between aesthetics and the constitution of a philosophy of plurality in the work of Fernando Pessoa. Indeed, throughout the writings of the Portuguese poet and thinker one finds not only the attribution of a multiplicity of projects to different “selves” – from the pre-heteronyms to the personalities of the heteronymic period – but also the explicit thematization of philosophical pluralism in the texts attributed to these different “selves”, who inhabit the plural literary universe of Pessoa’s writing. Thus, based on the analysis of the multiple phases of the philosophy throughout Pessoa’s work, we try to show the central positioning of the issues relates to aesthetics and philosophical pluralism in the development of Fernando Pessoa’s writings on philosophy.

Keywords: Fernando Pessoa. Aesthetics. Philosophy. Plurality. Heteronymic Creation.

A cada conceito da vida cabe não só
uma metafísica, mas também uma moral.

Fernando Pessoa
(PESSOA, 1966, p. 6)

1 – Estética e filosofia da pluralidade na pré-heteronímia pessoana

A obra de Fernando Pessoa apresenta-nos inúmeros elementos que nos possibilitam compreender as relações entre estética e a construção de uma filosofia da pluralidade. Com efeito, a constituição de uma filosofia pluralista ligada à criação estética pessoana encontra-se, desde logo, presente nos textos dos pré-heterónimos do autor português, isto é, no conjunto de personalidades literárias anteriores à criação e ao aparecimento público dos heterónimos. De acordo com o documento que ficou conhecido como carta sobre a génese dos heterónimos, correspondente a uma carta enviada por Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro com a data de 13 de Janeiro de 1935, a criação dos três heterónimos pessoanos – Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis – teria ocorrido no mítico “dia triunfal” (PESSOA, 1999, p. 343) de 8 de Março de 1914. A primeira aparição pública de um heterónimo ocorre em 1915 com a publicação do “Opiário” e da “Ode Triunfal” no primeiro número da revista literária *Orpheu*. Contudo, existe todo um trabalho de criação de personalidades pré-heteronímicas que antecede o surgimento dos heterónimos e no âmbito do qual se verifica o desenvolvimento de uma multiplicidade de projectos filosóficos que se encontram no espólio de Fernando Pessoa.¹ Embora a atribuição de uma multiplicidade de projectos filosóficos a diferentes personalidades literárias pré-heteronímicas se constitua como um facto que comprova a relação entre a criação estética pessoana e a constituição de uma filosofia da pluralidade, encontramos, para além disso, a explícita tematização do pluralismo filosófico nos textos atribuídos aos diversos pré-heterónimos de Fernando Pessoa. Assim, num texto datável de 1906, assinado conjuntamente por

¹ Para uma consulta dos textos filosóficos do espólio de Fernando Pessoa, vejam-se as seguintes referências bibliográficas: PESSOA, 2012; PESSOA, 2016a; PESSOA, 2016b.

Horace James Faber e Charles Robert Anon – dois pré-heterónimos pessoanos – que Pessoa ponderou intitular de “Plausibilidade de Todas as Filosofias” [“Plausibility of All Philosophies”] (PESSOA, 2013, p. 167) encontramos a seguinte afirmação:

Eu e vós podemos de uma mesma coisa recolher conclusões opostas e do mesmo modo também. Assim, todas as filosofias são boas e todas plausíveis até onde a nossa confusão moral pode chegar. Todas as filosofias, teorias-de-sonho através das nossas lentes, são possíveis. [I and thou, we may from *one* thing draw different conclusions and in the same manner too. Thus all philosophies are good and all are plausible as well in our moral confusion can find. All philosophies, dream-theories through our lens, are possible.] (PESSOA, 2013, pp. 166-167).

Este texto apresenta-nos dois elementos que se afiguram como fundamentais para a compreensão das relações entre estética e pluralismo filosófico em Pessoa. Em primeiro lugar, encontramos a explícita afirmação de que podemos extrair diferentes conclusões a partir de um mesmo assunto ou objecto e que, por conseguinte, todas as teorias, inclusivamente teorias opostas, são possíveis. Em segundo lugar, o facto de o texto ser assinado por duas personalidades literárias pessoanas – Horace James Faber e Charles Robert Anon – configura-se como um claro indício das relações entre a construção estética pessoana e criação filosófica do autor português. De facto, Charles Robert Anon, um dos autores que assina o texto sobre a “Plausibilidade de Todas as Filosofias”, constitui-se, a par do pré-heterónimo Alexander Search,² como uma das personalidades a quem Pessoa viria a atribuir, com maior abundância, a incumbência da criação de uma pluralidade de projectos filosóficos. A relação entre Charles Robert Anon e a filosofia encontra-se expressa num texto intitulado “Excomunhão” [“Excommunication”], presente num caderno datável de 1906, onde lemos:

Excomunhão

² Sobre as complexas relações entre Charles Robert Anon e Alexander Search no âmbito do desenvolvimento dos escritos sobre filosofia e psiquiatria presentes no espólio de Fernando Pessoa, consulte-se a seguinte referência bibliográfica: RIBEIRO, SOUZA, 2012.

Eu, Charles Robert Anon, ser, animal, mamífero, tetrápode, primata, placentário, antropóide, catarríneo, □³ homem; dezoito anos de idade, não casado (excepto em estranhos momentos), megalómano, com ataques de dipsomania, degenerado superior, poeta, com pretensões a humor escrito; cidadão do mundo, filósofo idealista, etc. etc. (para poupar ao leitor mais esforços).

Em nome da VERDADE, CIÊNCIA e FILOSOFIA, não com campainha, livro e vela, mas com caneta, tinta e papel,
Profiro sentença de excomunhão a todos os padres e todos os sectários de todas as religiões do mundo.

Euexcomungo-vos.
Que sejais malditos,
Assim seja,
Razão, Verdade, Virtude,
por C. R. A.

[Excommunication.

I, Charles Robert Anon, *being*, animal, mammal, tetrapod, primate, placental, ape, catarrhyna, □ man; eighteen years of age, not married (except at odd moments) megalomaniac, with touches of dipsomania, dégénére superior, poet, with pretensions to written humour, citizen of the world, idealistic philosopher, etc etc (to spare the reader further pains).

In the name of TRUTH, SCIENCE and PHILOSOPHIA, not with bell, book and candle, but with pen, ink and paper,
Pass sentence of excommunication on all priests and all sectarians of all religions in the world.

Excomunicabo vos.
Be damn'd to you all.
Ansi-soit-il.
Reason, Truth, Virtue
per C.R.A.]
(PESSOA, 2013, pp. 149-150)

Este texto, que se constitui como uma autopsicografia de Anon aos 18 anos de idade, apresenta a explícita menção à preocupação com a filosofia. Charles Robert Anon profere expressamente uma excomunhão “Em nome da VERDADE, CIÊNCIA e FILOSOFIA” (“In the name of TRUTH, SCIENCE and PHILOSOPHIA”)(PESSOA, 2013, p. 149), denominando-se como “filósofo idealista” (“idealistic philosopher”) (PESSOA, 2013, p. 149).

³O símbolo “□” indica um espaço em branco no documento original do espólio de Fernando Pessoa.

No que respeita a Alexander Search – outra das personalidades em quem Pessoa viria a centralizar a produção filosófica no período pré-heteronímico – lemos a seguinte afirmação também autobiográfica a respeito deste pré-heterónimo:

Milhares de teorias, grotescas, extraordinárias, profundas, sobre o mundo, sobre o homem, sobre todos os problemas que pertencem à metafísica atravessaram o meu espírito. Tive em mim milhares de filosofias das quais – como se fossem reais – nem mesmo duas concordariam. Todas as ideias que tive, se tivessem sido escritas, teriam sido um grande investimento na posteridade; mas, devido ao carácter muito peculiar do meu espírito, mal a teoria, a ideia me surgia logo desaparecia, e imediatamente depois de ter desejado ardentemente sentir isso, não me lembrava de nada – absolutamente de nada do que poderia ter existido. Assim a memória, como todas as minhas outras faculdades, predispunha-me a viver num sonho.

[Thousands of theories, grotesque, extraordinary, profound, on the world, on man, on all problems that pertain to metaphysics have passed through my mind. I have had in me thousands of philosophies not any two of which – as if they were real – agreed. All the ideas I had if written down had been a great cheque on posterity; but by the very peculiar character of my mind, no sooner did the theory, the idea struck me that it disappeared, and after I ached to feel that one moment after I remembered nothing — absolutely nothing of what it might have been. Thus memory, as all my other faculties predisposed me to live in a dream.] (LOPES, 1993, p.402).

Neste texto, encontramos, mais uma vez, a tematização do pluralismo filosófico no âmbito da criação pré-heteronímica de Pessoa. Com efeito, para além de este fragmento do espólio se encontrar assinado pelo pré-heterónimo Alexander Search – o que, mais uma vez, reforça a relação entre a criação estética de Fernando Pessoa e a produção de projectos filosóficos –, o texto fala-nos, para além disso, em “milhares de teorias” contraditórias entre si sobre o mundo, o homem e a metafísica. Na sequência do texto encontramos também a explícita menção a “milhares de filosofias das quais – como se fossem reais – nem mesmo duas concordariam” (LOPES, 1993, p.402), bem como ao carácter transitório, evanescente e onírico dessas diversas teorias filosóficas.

No entanto, para além das personalidades que temos vindo a enumerar, encontramos, no período pré-heteronímico, outros intervenientes a quem Pessoa viria a atribuir projectos filosóficos e que, por conseguinte, viriam a incrementar o espaço

filosófico plural da pré-heteronímia pessoana. Um exemplo disso corresponde ao “Ensaio sobre a intuição” [“Essay on Intuition”](cf. PESSOA, 2013, pp. 250-252), que contém a assinatura conjunta de dois pré-heterónimos pessoanos: “A. Moreira / Faustino Antunes” (PESSOA, 2013, p. 252) e cujos fragmentos, embora breves, esboçam o início de discussão acerca da natureza e constituição da noção filosófica de intuição. Um aspecto interessante a respeito do “Ensaio sobre a Intuição” corresponde à afirmação do carácter onírico do conhecimento humano acerca da existência, conforme se pode ler na seguinte passagem de um dos fragmentos destinados a esse texto:

Examinando profundamente a existência, não podemos senão afirmar que, para além do facto de que estamos vivos, dificilmente alguma coisa pode ser conhecida. Deambulamos num tal labirinto que até é perdoável interrogarmo-nos sobre se existimos. Quanto mais longe for o pensamento, mais verdadeiros nos parecem aqueles versos de Shakespeare:

Somos da mesma matéria,
De que os sonhos são feitos, e a nossa pobre vida
Em sono terminará.

Quanto mais se aprofunda o pensamento, mais os nossos corações sofrem com a evidente estranheza da vida.
[Considering existence deeply, we cannot but allow that, outside the fact that we live, scarcely anything can be known. We wander in such a maze that we may be excused asking if we exist. True, the further thought doth go, are those lines of Shakespeare:

We are *such stuff*
As dreams are made on, and our little life
Is rounded with a sleep.

The deeper thought goes, the more our hearts are torn as the strangeness of life is evident.] (cf. PESSOA, 2013, pp. 250-252).

Todos estes indícios permitem-nos compreender as relações entre estética e a construção de uma filosofia da pluralidade na pré-heteronímia pessoana, mostrando-nos que a constituição de um pluralismo filosófico nos pré-heterónimos de Pessoa se encontra alicerçada não só na atribuição de diferentes textos filosóficos a diversas personalidades literárias, mas também na explícita tematização da possibilidade uma

pluralidade de filosofias no âmbito dos textos atribuídos a cada uma dessas personalidades.

2 – Pluralismo Filosófico e o problema da “classificação dos sistemas filosóficos”

A compreensão da constituição do pluralismo filosófico pessoano viria a encontrar fundamentação teórica no problema da “classificação dos sistemas filosóficos”. A tematização da “classificação dos sistemas filosóficos” é objecto de uma detalhada análise na secção “VI” do artigo “A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico”, assinado por Fernando Pessoa e publicado em 1912 nos números 9, 11 e 12 da revista *A Águia*.(cf. PESSOA, 2000, pp.36-67) Esse texto encontra-se situado na transição entre a tematização filosófica pessoana do período pré-heteronímico e a posterior consideração da questão filosófica no contexto da fabricação dos heterónimos, sendo, por conseguinte, um texto relevante para compreender não só as consequências da tematização da construção de uma filosofia da pluralidade na pré-heteronímia pessoana, mas também a posterior inclusão dessa temática no período heteronímico.

De acordo com o texto de “A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico” a constituição da pluralidade dos sistemas filosóficos resulta de uma contradição entre a constituição do espírito humano e os fins a que tende o espírito humano na sua actividade metafísica. Na secção “VI” de “A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico” lemos a esse respeito: “Na classificação dos sistemas filosóficos temos a considerar duas coisas: a constituição do espírito e os fins a que tende na sua actividade metafísica.” (PESSOA, 2000, p.56) A espírito humano é caracterizado por um dualismo de base, correspondente à cisão entre percepções interiores e percepções exteriores, isto é, à cisão entre matéria e espírito. Aquilo que constitui a natureza do espírito humano é a capacidade de receber percepções de objectos que lhe são externos, assim como, para além desse tipo de objectos, a percepção de realidades que são internas ao próprio espírito humano. Desta natureza dupla do espírito humano resulta, segundo Pessoa, que nunca possamos pensar senão de uma forma dualística. Lemos a esse respeito a seguinte afirmação:

O espírito humano, por sua própria natureza de duplamente – interiormente e exteriormente – percipiente, nunca pode pensar senão em termos de um dualismo qualquer; mesmo que se esforce por chegar, e até certo ponto chegue, a uma concepção altamente monística, dentro dessa concepção monística há um dualismo. Mesmo que dos dois elementos constitutivos da experiência – matéria e espírito – se negue a realidade a um, não se lhe nega a existência *como irrealidade, como aparência* – o que transforma o dualismo espírito-matéria em dualismo realidade-aparência; mas realidade-aparência é, para o espírito, um dualismo. (PESSOA, 2000, p. 56).

Mas se, por um lado, o espírito humano é caracterizado por uma dupla natureza, por outro lado, na sua actividade metafísica o espírito tende para reduzir os dois elementos da experiência humana a uma única realidade absoluta, seja considerando a matéria como a forma de realidade fundamental e, por conseguinte, dando primazia às percepções exteriores, seja considerando os fenómenos espirituais como o elemento essencial dando, dessa forma, um lugar de destaque às percepções interiores, seja ainda considerando matéria e espírito como manifestações reais de uma substância de que são expressão ou considerando a matéria e o espírito como manifestações irrealis de algo que a ambos transcende. Com efeito, lemos na secção “VI” de “A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico”:

O género de dualismo, porém, depende de, é condicionado por, o que se considera a Realidade Absoluta, a realidade realmente real; e é a procura dessa realidade que é o fim da especulação metafísica. O espírito não pode admitir *duas* realidades: a ideia de realidade absoluta envolve a ideia de unidade. Mesmo, portanto, que o espírito admita, como em alguns sistemas – e flagrantemente no espiritualismo clássico – acontece, dois princípios com igual objectividade reais, é forçado a admitir que o género de realidade de um desses princípios é superior ao da do outro. (PESSOA, 2000, pp.56-57).

Assim a natureza dupla do espírito humano conjugada com a tentativa de reduzir esse dualismo a um monismo, isto é, a uma única realidade absoluta, conduz à individuação da multiplicidade de sistemas filosóficos e constitui-se, desse modo, como o princípio de pluralização dos diversos sistemas. De acordo com Fernando Pessoa, a

pluralidade de sistemas filosóficos pode ser reduzida a quatro tipos fundamentais: materialismo, espiritualismo, panteísmo e transcendentalismo.

Aquilo que caracteriza o tipo de sistema materialista é a tendência para colocar o princípio de realidade fundamental no elemento exterior à consciência, conforme se pode ler no seguinte trecho:

Para o materialista a forma essencial de realidade, seja ela especializadamente qual for no seu especial sistema, é sempre uma realidade de que forma parte inalienavelmente um elemento ou *espacial*, ou, pelo menos, de *inconsciência*. (PESSOA, 2000, p.57).

O tipo de sistema espiritualista, em contrapartida, é moldado pela tentativa ou tendência para colocar o princípio de realidade em elementos internos ao espírito e consciência humanos. Lemos a esse respeito a seguinte afirmação presente em “A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico”:

Para o espiritualista, através das várias formas que pode tomar o espiritualismo, há sempre de central e essencial um elemento, o elemento *consciência*, que é o que o espírito imediatamente concebe como sua base própria. Daqui partem todas as teorias características do espiritualismo – a imortalidade da alma (concebida impossibilidade de anular a consciência), o livre-arbítrio (concebida superioridade do consciente sobre o inconsciente) e a existência de um Deus clara ou obscuramente tido como pessoal, isto é, como *consciente*. (PESSOA, 2000, pp.57-58).

No sistema panteísta, por outro lado, tanto a matéria como o espírito são manifestações reais de uma substância divina que se constitui como a realidade fundamental. Assim, se considerarmos que a substância divina existe para além da matéria e do espírito teremos o panteísmo espiritualista, o qual Pessoa aproxima do sistema filosófico de Malebranche. Se a substância divina for imanente à matéria e ao espírito enquanto suas manifestações teremos o panteísmo materialista, que de acordo com o texto de “A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico” corresponde ao sistema filosófico de Spinoza. Em “A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico”, Pessoa afirma a propósito do panteísmo e das suas diversas modalidades:

“Para o panteísta de qualquer das duas espécies, matéria e espírito são manifestações *reais* de Deus, exista ele (panteísmo espiritualista) ou não (panteísmo materialista) como Deus além das suas duas manifestações.”(PESSOA, 2000, p.59)

O transcendentalismo corresponde, por contraposição ao panteísmo, a um tipo de sistema filosófico caracterizado pela tendência a considerar a realidade absoluta como algo que transcende tanto a matéria como o espírito, isto é, como algo do qual tanto o espírito como a matéria são mera aparência ou manifestação irreal. No artigo “A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico” encontramos a seguinte descrição a respeito do transcendentalismo: “Para o transcendentalista, matéria e espírito são manifestações *irreais* de Deus, ou antes, para não errarmos, do Transcendente, o Transcendente manifestando-se como a ilusão, o sonho de si próprio.”(PESSOA, 2000, p.59)

Tendo em conta esta definição do sistema transcendentalista, Pessoa apresenta três tipos de transcendentalismo. O primeiro tipo de transcendentalismo corresponde ao transcendentalismo materialista. O transcendentalismo materialista, que Pessoa aproxima do sistema de Schopenhauer, é caracterizado por considerar que aquilo do qual tanto a matéria quanto o espírito são manifestações irreais corresponde a um elemento inconsciente. O segundo tipo de transcendentalismo corresponde ao transcendentalismo espiritualista, o qual, segundo a descrição de Pessoa, corresponde à hipótese contrária ao transcendentalismo materialista, sendo, por conseguinte, moldado pela ideia de que o elemento fundamental do qual matéria e espírito são manifestações irreais corresponde a algo de natureza espiritual, embora desconhecido para o humano. O terceiro tipo de transcendentalismo corresponde ao transcendentalismo panteísta, que Pessoa faz equivaler ao sistema filosófico de Hegel. Este tipo de sistema é o mais complexo de todos os sistemas, pois engloba e transcende todos os demais sistemas. Neste tipo de sistema a matéria e o espírito não são simples irrealidades, mas uma manifestação real do irreal. Com efeito, lemos a respeito do transcendentalismo panteísta:

O transcendentalismo panteísta envolve e transcende todos os sistemas: matéria e espírito são para ele reais e irrealis ao mesmo tempo, Deus e não-Deus essencialmente. Tão verdade é dizer que a matéria e o espírito existem como que não existem, porque existem e não existem ao mesmo tempo. A suprema verdade que se pode dizer de uma coisa é que ela é e não é ao mesmo tempo. Por isso, pois, que a essência do universo é a contradição – a irrealização do Real, que é a mesma coisa que a realização do Irreal –, uma afirmação é tanto mais verdadeira quanto maior contradição envolve. (PESSOA, 2000, p.60).

Todos os elementos apresentados permitem-nos compreender de que forma a classificação dos diferentes tipos de sistemas filosóficos em “A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico” possibilita a compreensão da matriz teórica a partir da qual Pessoa viria a considerar a génese da pluralidade de sistemas filosóficos. Na tematização da classificação dos sistemas filosóficos encontramos uma elucidação do modo como a contradição entre o dualismo do espírito humano e a natureza da sua actividade metafísica possibilita esclarecer o princípio de individuação dos vários sistemas filosóficos, ao procurar reduzir o dualismo essencial do humano a uma única realidade absoluta explicativa e aglutinadora dos elementos componentes do dualismo humano. Assim, a questão da classificação dos sistemas filosóficos configura-se como um elemento essencial para a elucidação de um pluralismo filosófico na obra de Fernando Pessoa.

3 – Metafísica, Arte e pluralismo filosófico no período heteronímico

A discussão do pluralismo filosófico no contexto do período heteronímico, isto é, na produção posterior ao surgimento dos heterónimos no universo literário pessoano, viria a centrar-se num conjunto de textos teóricos em torno das relações entre metafísica e arte. Um claro exemplo disso corresponde ao texto do heterónimo Álvaro de Campos intitulado “O que é a metafísica?” (cf. PESSOA, 2017, pp. 41-48), publicado em 1924 no número 2 da revista *Athena*, que se constitui como uma contra-resposta ao ensaio “Atena” (cf. PESSOA, 2017, pp. 31-39), publicado por Fernando

Pessoa ortónimo no primeiro número dessa revista. Logo no início do texto “O que é a metafísica?” de Álvaro de Campos lemos sobre a diferenciação entre este heterónimo e o seu criador a respeito da discussão em torno da metafísica e arte:

Na opinião de Fernando Pessoa, expressa no ensaio “Atena”, a filosofia – isto é, a metafísica – não é uma ciência, mas uma arte. Não creio que assim seja. Parece-me que Fernando Pessoa confunde o que a arte é com o que a ciência não é. Ora o que não é ciência, nem por isso é necessariamente arte: é simplesmente não-ciência. (PESSOA, 2017, pp. 41-42).

Com efeito, ao longo do ensaio “Atena” de Fernando Pessoa encontramos múltiplos indícios da identificação entre arte e filosofia. Logo no início de “Atena”, Pessoa estabelece uma aproximação entre arte e ciência, caracterizando a forma de conhecimento científico enquanto um aperfeiçoamento da nossa ilusão do mundo e não como um acesso aos fundamentos da realidade. Lemos, nesse sentido, o seguinte trecho:

Pela arte nos aperfeiçoamos a nós; pela ciência aperfeiçoamos em nós o nosso conceito, ou ilusão, do mundo.
Como, porém, o nosso conceito do mundo compreende o que fazemos de nós mesmos, e, por outra parte, no conceito, que de nós formamos, se contém o que formamos das sensações, pelas quais o mundo nos é dado; sucede que em seus fundamentos subjetivos, e portanto na sua maior perfeição em nós – que não é senão a sua maior conformidade com esses mesmos fundamentos –, a arte se mistura com a ciência, a ciência se confunde com a arte. (PESSOA, 2017, pp. 31-32).

Na sequência do texto, encontramos, a propósito da discussão das artes que permitem um aperfeiçoamento permanente do homem, a explícita classificação da filosofia entre as artes superiores abstractas, conforme se lê no seguinte trecho:

As artes que por natureza ministram tal aperfeiçoamento são as artes superiores abstratas – a música e a literatura, e ainda a filosofia, que abusivamente se coloca entre as ciências, como se ela fora mais que o exercício do espírito em se figurar mundos impossíveis. (PESSOA, 2017, pp. 36-37).

Apesar de o ensaio “O que é a metafísica?” de Campos apresentar uma demarcação relativamente às teses de Fernando Pessoa defendidas em “Atena”, encontramos, contudo, também por parte deste heterónimo uma tentativa de aproximação entre metafísica e arte, embora com uma estratégia argumentativa diferente daquela que é utilizada por Fernando Pessoa. De acordo com Álvaro de Campos, a metafísica não é essencialmente uma arte, mas antes uma ciência virtual. Aquilo que, segundo este heterónimo, distingue a arte e a metafísica é o fim que cabe a cada uma destas actividades. Para Campos, o fim da metafísica é, tal como na ciência, conhecer factos, enquanto que o da arte consiste em substituir factos. No entanto, os factos que a metafísica procura conhecer encontram-se “in- ou mal fundados” (PESSOA, 2017, p. 42) e, enquanto tal, ainda não são conhecidos, sendo essa a razão pela qual Álvaro de Campos classifica a metafísica como uma ciência virtual. Assim sendo, Campos propõe que se substitua provisoriamente a metafísica pela arte, enquanto a metafísica não atingir o conhecimento científico de factos bem fundados. É justamente neste sentido que encontramos a seguinte afirmação presente em “O que é a metafísica?”:

Ponhamos ainda mais a claro a discordância entre mim e Fernando Pessoa. Para ele a metafísica é *essencialmente* arte, e a sociologia, de que não fala, é naturalmente, ciência. Para mim são, ambas e igualmente, *essencialmente* ciências, não o sendo porém ainda, nem talvez nunca, mas por uma razão extrínseca e não intrínseca. Proponho pois que se substituam por artes *enquanto* não são efetivamente ciências, o que pode ser que seja sempre, dando-se então na prática, entre a minha teoria e a de Fernando Pessoa, aquela coincidência de efeitos que não é rara entre teorias não só diversas, mas absolutamente opostas.

Esclareço ainda mais... A metafísica pode ser uma atividade científica, mas também pode ser uma atividade artística. (PESSOA, 2017, p. 46).

Noutro trecho de “O que é a metafísica?” lemos igualmente a seguinte elucidação a respeito da diferenciação do posicionamento de Álvaro de Campos e de Fernando Pessoa:

A minha teoria, em resumo, era que (1) se deve substituir a filosofia por filosofias, isto é, mudar de metafísica como de camisa, substituindo à metafísica procura da verdade a metafísica procura da emoção e do interesse; e que (2) se deve substituir a metafísica pela ciência.

É fácil de ver como esta teoria, tendo na prática quase os mesmos resultados que o pensamento de Fernando Pessoa, é diferente dele. Não rejeito a metafísica, *rejeito as ciências virtuais todas*, isto é, todas as ciências que não se aproximaram ainda do estado, vá, «matemático»; mas, para não desaproveitar essas ciências virtuais, que, porque existem, representam uma necessidade humana, *faço artes delas*, ou, antes, proponho que se faça artes delas – da metafísica, metafísicas várias, buscando arranjar sistemas do universo coerentes e engraçados, mas sem lhes ligar intenção alguma de verdade, exatamente como em arte se descreve e expõe uma emoção interessante, sem se considerar se corresponde ou não a uma verdade objetiva de qualquer espécie. (PESSOA, 2017, pp. 45-46).

O heterónimo Ricardo Reis participa também na discussão relativa às relações entre metafísica, arte e filosofia, demarcando-se tanto de Fernando Pessoa quanto de Álvaro de Campos. Enquanto para Pessoa a actividade filosófica metafísica se constitui como arte e para Campos como uma ciência virtual, para Reis a filosofia é um simulacro de ciência. Lemos precisamente nesse sentido o seguinte trecho:

Para Pessoa a filosofia é uma arte, para Campos é não uma arte, mas uma ciência virtual. Para mim nada é, ou, quando muito, é um simulacro de ciência, feita sem dados: – a tentativa de construir uma ciência original sem dados alguns. (PESSOA, 2017, p. 118).

António Mora, outra personalidade literária que Pessoa faz dialogar com as restantes personalidades heteronímicas, participa igualmente dessa discussão, como se pode verificar pelo conjunto de fragmentos destinados a um opúsculo intitulado “Introdução ao Estudo da Metafísica” (PESSOA, 2017, pp. 49-75). Para Mora, tal como para Pessoa, a filosofia deve ser classificada como arte. De acordo com os fragmentos da “Introdução ao Estudo da Metafísica”, embora a filosofia tenha começado historicamente por ter a aspiração a ser uma ciência em função da sua utilidade no que respeita à orientação na vida, a filosofia teria perdido, no decurso do seu

desenvolvimento, essa função, pelo que deveria passar a ser uma arte, conforme se pode ler no seguinte fragmento do estudo de Mora:

A filosofia entra na categoria da arte. – A filosofia foi primeiro uma “ciência”: tinha por fim descobrir a verdade para o fim utilitário de nos governarmos na vida; porque, se se julga que há uma vida futura, com castigos e recompensas, não é por certo pouco importante saber-se o que se deve fazer para evitar uns e merecer outros. Hoje a filosofia deve passar a ser uma arte – a arte de construir sistemas do Universo, sem outro fim que o de entreter e distrair, publicando belos sistemas.

[...] Todos os sistemas filosóficos devem ser estudados como obras de arte. (Nenhuma arte é feita *com o fim* de entreter, mas é para isso que ela serve. O artista toma o seu papel mais a sério.) (PESSOA, 2017, pp. 56-57).

Noutro fragmento de “Introdução ao Estudo da Metafísica”, Mora esclarece ainda que a metafísica pode ser considerada uma arte por apresentar as mesmas características que compõem a obra de arte. É isso que nos diz António Mora na seguinte passagem: “A metafísica é uma arte, porque tem as 3 características da obra de arte: a subjetividade (isto é, o ser a expressão de um temperamento), a incerteza da base em que assenta, e a, direta, inutilidade prática”. (PESSOA, 2017, pp. 49-75).

Por fim, ainda a respeito das relações entre metafísica e arte no período heteronímico, cumpre referir o “Tratado da Negação” de Raphael Baldaya, outra personalidade literária do universo pessoano e que é objecto de detalhado estudo por parte de Paulo Borges no texto intitulado “Além-Deus, Ilusão de Deus e Vida em Raphael Baldaya” (BORGES, SOUZA, RIBEIRO, 2018, pp. 123-157). A propósito deste texto que se encontra estruturado na ideia de que o mundo é composto por duas ordens de forças – as que afirmam e são criadoras do mundo e as que negam – e de que “toda a criação é ilusão e ficção” (PESSOA, 2006, p. 42), afirma Paulo Borges:

Baldaya apresenta um quadro de ilusão como o denominador comum que abrange e conecta todos os níveis da realidade e do conhecimento, desde a matéria até Deus: do mesmo modo que “a Matéria é uma ilusão [...] para o Pensamento”, este é ilusão para a “Intuição”, esta é ilusão para a “Ideia Pura” e esta o é para o “Ser”, que se diz ser

“essencialmente Ilusão e Falsidade”, sendo “Deus” “a Mentira suprema”. (BORGES, 2008, p. 92)

Todos os elementos apresentados permitem-nos compreender a articulação que estrutura as questões relativas à metafísica e arte no âmbito da criação produzida no período heteronímico pessoano, bem como a tematização que é feita pelos heterónimos, por Pessoa ortónimo, assim como por outras personalidades que habitam o universo plural de Fernando Pessoa.

Referências:

- BORGES, Paulo. **O Jogo do Mundo – Ensaio sobre Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa**. Lisboa: Portugália Editora, 2008.
- BORGES, Paulo, SOUZA, Cláudia, RIBEIRO, Nuno (Orgs.). **Raphael Baldaya: Fragmentos de uma personalidade pessoana**. Lisboa: Âncora editora, 2018.
- LOPES, Teresa Rita (Org.). **Pessoa Inédito**. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- PESSOA, Fernando. **Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias**. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Edições Ática, 1966.
- PESSOA, Fernando. **Correspondência (1923-1935)**. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.
- PESSOA, Fernando. **Crítica – Ensaio, Artigos e Entrevistas**. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- PESSOA, Fernando. **Escritos sobre Metafísica e Arte**. Organização, introdução e notas de Cláudia Souza & Nuno Ribeiro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.
- PESSOA, Fernando. **Estudos Filosóficos: Artigos, opúsculos e outras produções breves**. Edição, notas e introdução de Nuno Ribeiro. Lisboa: Apenas Livros, 2016a.
- PESSOA, Fernando. **Eu sou uma antologia: 136 autores fictícios**. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta da China, 2013.
- PESSOA, Fernando. **Livros Filosóficos: Projectos & Fragmentos**. Edição, notas e introdução de Nuno Ribeiro. Lisboa: Apenas Livros, 2016b.

PESSOA, Fernando. **Philosophical Essays: a critical edition**. Edition, notes and introduction by Nuno Ribeiro (afterword Paulo Borges). New York: Contra Mundum Press, 2012.

PESSOA, Fernando. **Textos Filosóficos**, Vol. I. Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Lisboa: Editorial Nova Ática, 2006.

RIBEIRO, Nuno, SOUZA, Cláudia. “Charles Robert Anon & Alexander Search: Filosofia e Psiquiatria”. **Revista Filosófica de Coimbra**, vol.21, nº 42, 2012, pp. 541-556.